

rios, as câmaras municipalistas, as capelinhas, as direcções do fisco, a ambição do mando serão uma história; tudo isso deve ser substituído pela harmonia dos grupos produtores, pelos museus de arte, pelas escolas profissionais e pedagógicas; tudo deve ficar reduzido a uma simples classe: a classe trabalhadora, sob os seus múltiplos officios.

Clemente Vieira dos Santos

## Notas Rubras

### Uma apostasia

Com o título—*Os humildes*, um diário de Lisboa inseriu ha dias uma carta, acompanhada de algumas considerações, dum «dirigente do movimento operário algarvio», em que este individuo (um tal Pena Peralta) aderiu «incondicionalmente» á causa que esse jornal defende—a monarchia.

Li a missiva de Peralta, visto que me interessava sobremaneira conhecer as razões e os argumentos que esse «dirigente do movimento operário» dava a público para justificar o seu gesto.

Da leitura da adesão desse ex «pedreiro livre», ao partido «Rei Operário», ficou-me, sinceramente o digo, uma dolorosa impressão, mixto de revolta e de nojo, pelo fenomeno psicologico que esse documento revela.

Esse «antigo lutador em prol das classes trabalhadoras» pretende justificar a sua apostasia com estas coisas principais cheias de incoherencia—que a republica actual não é a que ele idealizou e que foi perseguido por afastar da politica republicana o elemento operário.

Entendamo-nos. Se a republica vigente não é aquela porque muitos se sacrificaram, devemos recuar para a monarchia ou forçar o regime a tornar-se progressivo!

E, tambem, se temos procurado afastar o proletariado da politica vermelha, cumpre-nos integrarlo no seu verdadeiro campo de combate, a luta de classes, ou envolvê-lo noutra politica ainda mais retrógrada?

Não! as justificações que Peralta nos veio mostrar para dar base á sua apostasia são absolutamente falhas de lógica.

E tanto assim é, que eu estou convencidissimo de que a classe trabalhadora de Lagos ha-de voltar as costas a esse renegado, e que a sua tenção de levar consigo uma grande jorça para o partido monarchico ficará gotada.

O operariado sabe perfeitamente o que valem o Estado e a Igreja para a sua emancipação. Por conseguinte, confio, descansado, que o ex-maçom e demagogico Peralta não arrastará, como um passivo rebanho, o povo operario do Algarve, pois que se a republica, como estado burgues que é, tem sido madrastra para o proletariado, a monarchia, alem de representar o retrocesso, não foi nem será mais sua amiga.

C. RODRIGUES

### Aos operarios transmontanos

Estando em grêve os operarios pedreiros, carpinteiros e caiadores de Verin, a *Sociedade de Officios e Profissões varias*, da mesma localidade, transmitiu á *União Operaria Transmontana*, para que esta impeça que operarios transmontanos, em especialidade de Chaves, os vão trair.

Por isso lembramos aos operarios da construção civil, não só de Chaves, como aos da provincia de Traz-os-Montes, que se não deixem aliciar por individuos que os andam iludindo para irem trabalhar para Verin, traindo os nossos camaradas espanhois.

A todos, pois, lembramos o sagrado dever de solidariedade.

Chaves, 11-4-1915

A direcção da União Transmontana

## A classe operária Alemã e a guerra

Por um acto louco e criminoso, foram os povos lançados no bátrito da guerra e invadiram-se países. Tudo quanto no decorrer de dezenas de anos foi criado em cultura e bem estar, a custo de fadigas e sofrimentos, é em poucas horas destruído; tudo o que em comum foi ideado e construído é disperso por um cego ódio nacional.

Os patrioteiros anunciam com júbilo em todos os países que a Internacional cessou de existir, que se extinguiu a fé numa união de todos os povos e que só sobrevive, como sentimento único, a consciencia nacional e patriótica.

Especialmente os governos e as classes possuidoras mostram grande empenho em convencer os trabalhadores de cada país de que se enganam acreditando nos que falam de interesses operários, movimentos de classe, etc. Os governos e burguesias estribam-se no procedimento dos trabalhadores das outras nações agora em conflito para mais inculcar nos seus súbditos operários o patriotismo e o ódio contra os camaradas de luta das outras nações.

Que façam o mesmo os chamados chefes populares, não nos admira; tem que de ender assim a sua conduta «patriótica» em face da guerra. O que importa é sufocar no coração dos operários todo o sentimento de solidariedade internacional, para evitar qualquer perigo que para a actual organização social o movimento operário possa ainda representar.

Nestes tempos em que o patriotismo e os ódios nacionais puderam invadir boa parte do campo operário, a missão de todos os que honestamente lutam pela libertação dos trabalhadores é combaterem vigorosamente os desvios de sentimento e a cegueira que a guerra produziu.

Cumpre-lhes além disso mostrarem que tudo isso de nenhum modo foi querido pelos trabalhadores das nações em guerra, que foram arrastados, contra os seus sentimentos internacionalistas e apesar do horror sentido.

Eu, como alemão, só posso descrever o que vi nos ambientes operários tudascos; mas estou certo de que o mesmo ódio pela guerra se há-de encontrar entre os trabalhadores franceses, russos, ingleses, belgas, etc.

Quiseram os alemães a guerra?

Pretende-se que esta guerra da Alemanha e Austria contra a Rússia, França e Inglaterra é uma guerra de povos, como que uma necessidade radicada no sentimento do povo, para a qual cada um dá de boa mente bens e vida. Nada mais falso! Como prova, basta recordar as grandiosas manifestações contra a guerra poucos dias antes de estalar esta, celebradas em quase todas as cidades alemãs.

E certo que os organizadores desses comícios os social-democratas, não eram rigidamente contrários á guerra: eram no de modo oportunista e maleável. Mas também é verdade que o povo trabalhador assistiu em massa aos comícios com o sincero intuito de impedir a guerra e por ela manifestar toda a sua aversão. Tanto assim que alguns discursos produziram desagrado entre os operários porque neles, em vez de se impedir o povo contra a guerra se estimulava a opinião pública em seu favor.

Já há anos que o partido social-democrático alemão trabalhava neste sentido, tendo dito por várias vezes que, em caso de guerra, os socialistas não poderiam deixar a sua pátria por defender. Repeliam indignados a acusação de não terem pátria. Mas como distinguir das outras uma guerra de defesa? como distinguir do nacionalismo burguês o patriotismo socialista? O facto é que se tornou um dogma oficial para o partido social-democrático que, se a Rússia atacasse, era um dever defender a pátria, etc.

Assim, o patriotismo quase desaparecido foi resuscitado precisamente por essa concepção que se dizia socialista; acrescentai a isso a influencia do ensino patriótico nas escolas e do ensino fra-

tricida nas casernas, e não é para admirar que a presente guerra tenha sido considerada uma guerra de povos mesmo por uma grande parte do povo alemão.

Nos operários está, porém, radicado o espirito internacionalista, a chama da confraternização humana. Enquanto, com efeito, os sábios e os intellectuais destroem todo o trabalho por eles feito em favor da paz; enquanto os chefes dos operários e os seus representantes no parlamento unem a sua voz ao coro do ódio nacional; enquanto a imprensa proletária se faz imprensa de governo, os operários, com o coração agitado, mordem os punhos de raiva, indignados á idea das vítimas que terão de fazer para inteiro proveito dos ricos, e também com uma dolorosa desconfiança pela conduta da social-democracia e do partido em que acreditavam.

Como se pôde julgar até ao fim que o partido socialista havia de empregar todos os meios para conservar a paz, quando ele fez o mesmo que o governo, e a própria direcção do partido proclamou que o primeiro dever dos socialistas era serem alemães!?

Trágicas horas passou a classe trabalhadora, quando teve a certeza terrível de que era inevitável a guerra, de que a social-democracia nada faria para a evitar, mas pelo contrário a apoiaria! Conternados, os trabalhadores giravam pelas ruas e recolhiam desesperados para se despedir dos seus e mergulhar no abismo, inevitável mas não desejado, com um ódio surdo no coração.

Havia certamente milhares, dezenas de milhares de vozes patrióticas ululando nas ruas. Mas não há centenas de milhares de burgueses que da guerra podem tirar proveito? Há dois milhões de voluntários; mas que significa isso? Nem a quarta parte são operários, ao passo que a grande maioria do povo alemão pertence á classe pobre. Ainda hoje a opinião entre os trabalhadores é desconfiada e rebelde, embora o governo, os municípios e os particulares procurem aliviar-lhes as necessidades.

Pense-se nos cinquenta anos de educação social-democrática, embaraçando no povo alemão o espirito de iniciativa. De cima vinham todas as ordens. E de cima, da direcção do partido, partiu o mote *pela guerra*. Pense-se no trabalho das uniões de officio, cujos sócios pagantes, disciplinados como números em fila, estavam habituados a esperar ordens do *Partei Vorstand*; e daí veio a ordem: *pela guerra*. Pense-se na desfibrante influencia da tática eleitoral e parlamentar, conduzida sem fim útil algum; no desprezo lançado sobre a greve geral e os outros actos e meios revolucionários, etc. E compreender-se háo tanto a desconfiança e incerteza causadas pela attitude da social-democracia favorável á guerra, como o motivo por que este aviltamento e este desespero não conseguiram provocar actos revolucionários.

Sacrificaram-se tantas vítimas no tempo das leis excepcionais e mais tarde para levantar cada vez mais a social-democracia, que deste partido tudo se esperava. Em vão. E era lógico que á tam exagerada confiança succedesse o desânimo e o desespero. Despedaçaram-se as esperanças e fins da vida de milhares e milhares de proletários. Assim, perderam toda a energia, e descoroçados, deixaram que tudo se consumisse, como deixam hoje succeder tudo. E entretanto, de todos os lados tentam da mesma forma enlouquecê-los, a eles também, com as sugestões patrióticas!

Mas nós, apesar de tudo e mesmo durante a guerra, erguemos alto a nossa bandeira do anarquismo e da fraternização dos povos. Digamos ao operário as monstruosidades da guerra, tratemos, agora e depois dela, de reunir novamente os trabalhadores divididos, para que a infâmia do assassinato colectivo acabe duma vez para sempre.

E vós, ó trabalhadores das outras nações escutai: a parte mais consciente do proletariado alemão

é contrária a qualquer guerra e quer empenhar a sua luta de accordo convosco contra o inimigo comum—o Capitalismo.

PAULO SCHREYER.

O camarada Schreyer, hoje retornado na Suíça, é um operário que redigia um pequeno jornal anarquista na Alemanha do do Sul. N. da R.

## Velada Social

Por motivos imprevistos, a velada social que o Nucleo Juventude Sindicalista promovia para o dia 25 do corrente, na sede do grupo B. T. da B. E., realisa-se no domingo 2 de maio proximo, na sede da *Tuna musical Liberdade do Porto* sita á rua do Bom Jardim n.º 1146.

O programa deste excelente espectáculo constará, como já annunciámos, da peça do Teatro Livre—*O Triunfo*, e da hilarante comédia em 2 actos—*Os espectros*, alem de varios recitativos por distintos amadores.

Esta velada será abelhantada pela Tuna da Juventude Sindicalista.

Os novos bilhetes convites encontram-se na redacção deste jornal.

## O CONGRESSO DO FERROL

Grande entusiasmo se vai notando em vários países pela realização deste utilissimo congresso internacional pela paz. O Ateneu Sindicalista do Ferrol tem recebido inúmeras adesões, não só de Barcelona, Madrid, Valfadolid, Santander, Valencia, Corunha, etc, como de Itália, Inglaterra, Holanda e França, cuja confederação Geral do Trabalho, segundo comunicação do nosso camarada Sebastião Faure, tambem se fará representar.

Neste momento solenissimo para a História do proletariado, torna-se indispensavel que a organização operária portuguesa, juntando os seus esforços aos esforços dos seus camaradas dos outros países, contribua, tanto quanto possível, para enviar a esse congresso o maior numero de representantes.

O seu fim é altamente simpático e humanitário. Não se torna, portanto, necessário encarecer o altissimo valor dele. Que cada operário consciente faça o que puder em seu beneficio, na certeza de que presta um optimo serviço á causa da humanidade laboriosa.

A *Aurora*, e os Grupos «Propaganda Libertária» e «Aurora Social», accedendo ao convite, far-se-hão representar por delegados directos.

Quaisquer comunicações referentes ao congresso devem ser enviadas a Lópes Bouse, Canalejas, 166—Ferrol—Corunha—Espanha.

## CONVITE

O «Grupo de Propaganda Libertaria» convida todos os anarquistas, estejam ou não agrupados, a comparecer hoje pelas 15 horas, na redacção da «Aurora», rua Formosa 242—2.º, afim de se acordar na forma mais viavel de se fazerem representar no congresso internacional contra a guerra, que se realiza em Ferrol, Espanha, nos dias 30 de abril e 1 e 2 de maio proximos.

O egoismo leva os homens a cometerem iniquidades e espoliações; preciso é, pois, combatê-lo, evitando que ele medre á sua vontade.

Enlle de Lavaleys.

## Notas de perto

I

Meu caro C.

Desculpa-me se, depois de tanta e tam louvavel insistência, não satisfaço o teu desejo. Que teria eu de novo para dizer-te sobre a guerra que tu não soubesses já? Discutir se é mais digna ou mais coerente a attitude tomada por Kraptokine ou por Malatesta, quando são já tantos os embrenhados nessa lastimavel contenda?

E' provavel que tu, como eu ainda não ha muito, estejas hesitante sobre o que deveriamos pensar e dizer quanto á maior hecatombe, á mais canibalesca chacina que tem inundado de sangue os fertes campos da Europa. Mas, repara bem; como não tenho lógica para converter nem retórica para arrebatá-la, pouco seria o que de lavra própria te poderia dizer. Além disso, tem-se dito tais coisas das guerras, passadas e presentes, de modo que o padre A. Vieira lhe chamou «aquêl monstru» e são tam poucos os convencidos dos seus horrores, que as banalidades que eu escrevesse, estou certo, pouco te aproveitariam. Assim, pensei em coligir e reproduzir-te como um fiel copião o que, principalmente dos seus causadores, insuspeitas gentes tem dito. Dar-te-has por satisfeito!

As causas da guerra! Não te rias, nem te enojas se te disser que lhe atribuem tantas como as cabeças que dão sentenças. O livro francês sobre a guerra atribui-a aos pesados impostos na Alemanha; o conde Reventlow, a novos mercados; Lloyd George, viu-as na Bélgica; Harmsworth, no Kaiser; o inglês *Labour Party*, na liberdade e na honra; o coronel Agnew deita as culpas a Deus; muitos outros ao Diabo; e até o padre Graham, vê lá tu, diz que é devida ao insulto que o Papa sofreu em 1870!...

Servam estas poucas linhas para te demonstrar que não olvidei o que desejava de mim. No próximo n.º d' *Aurora* apresentarte hei o que coligi e copiei sobre a guerra, suas causas e os que dela vivem. E desculpa o resumo que hoje sou.

(Lisboa, 6-4-1915)

H. QUESÁRIO

## O conceito pátrio

Ainda ha poucos dias os jornais diários relataram — desprezando ostensivamente os seus heróicos feitos de armas — a vinda dum clarim de dragões las inóspitas regiões africanas, para onde fora em cata de louros e donde regressara mutilado e inválido para o labor prestante, para a prática do trabalho honroso. Agora depara-se-me uma carta — inserta num periódico burguês — que um sargento, que partira voluntariamente para a Africa, endereçara a sua mãe, noticiando-lhe a sua próxima chegada á terra natal, por se encontrar impotente — devido aos ferimentos recebidos — para proseguir lutando em cumprimento dos seus *devoirs civicos*, como bom patriota e bom soldado que é.

Esta carta, que deixa transparecer um acendrado amor pátrio, leva-me a redigir estas modestas e desataviadas considerações dirigidas, em especial, á juventude.

Atendei e reflecti, pois, jovens, que, conquanto seja notória a pouquidade da minha argumentação, é manifesta a grandiosidade do meu objectivo: fazer-vos compreender quanto ha de errôneo nesse conceito pátrio, tam arreigado em vós, como arraigados estão tantos outros convencionalismos ridiculos e mentirosos pre-conceitos de que a sociedade está eivada.

Parecerá talvez, audacioso tocar no conceito patriótico, actualmente infiltrado e radicado no espirito do povo. Pasmareis, pois, ouvindo-me renega-lo e mostrar-vos que não tendes uma concepção